



“A MORTE VIRA SEMENTE?”: A METÁFORA QUE RESSOA NOS DITOS E NOS NÃO-DITOS NAS HISTÓRIAS E NARRATIVAS PÓSTUMAS SOBRE MARIELLE FRANCO

Luana Vargas Aquino¹

Keisy Moreira de Moraes²

Neste trabalho, serão apresentadas as primeiras reflexões e o esboço de análise acerca da pesquisa em andamento que se intitula **“A morte vira semente?”: a metáfora que ressoa nos ditos e não-ditos nas histórias e narrativas póstumas sobre Marielle Franco**. Para isso, inicialmente, iremos discorrer sobre quem foi Marielle Franco, para assim identificar a presença da metáfora nas narrativas que circulam no Jornal Diário El País sobre sua morte e os efeitos que dela advém, através de recortes de notícias e colunas de opinião. Assim, buscamos explicitar o papel da metáfora, da memória e dos ditos e não-ditos presentes na construção dos sentidos que agarram e constituem essas narrativas.

Militante, mulher, negra, mãe e ativista dos direitos LGBTQI+, Marielle Franco cresceu no complexo da Maré (Rio de Janeiro) e mesmo antes de ser vereadora fez com que a comunidade fosse vista enquanto parte do território, militando em espaços públicos e privados. Em sua trajetória acadêmica, também a militância esteve presente, em sua dissertação de mestrado, ela analisou a atuação da polícia militar no complexo da Maré e no estado do Rio de Janeiro, a qual defende que as periferias e favelas são parte da cidade, mas possuem baixos investimentos do Estado (FRANCO, 2017).

Durante sua caminhada, em defesa dos direitos humanos e por aqueles que acabam sendo marginalizados pelo poder estatal, Marielle ingressou para a política no ano de 2016, elegendo-se vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), tendo um papel relevante em defesa de projetos que abordavam à violência de gênero e os direitos das mulheres. A sua voz ecoava pelas vielas das favelas e das periferias, como um grito que carregava consigo reivindicações, resistência e luta pela igualdade.

No dia 14 de março de 2018, após sair de uma atividade chamada “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, enquanto ainda cumpria seu mandato, foi assassinada e teve, assim, uma morte prematura que ecoou por todo o mundo. Logo, surgiram investigações acerca da tragédia que comoveu o país, que constata indícios de envolvimento de milícias do estado do Rio de Janeiro. Após seu assassinato, podemos observar, nos veículos digitais de comunicação, os vários sentidos atribuídos à Marielle e a sua

¹ Atualmente é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM) e bolsista pelo programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Santiago. O Currículo Lattes pode ser acessado pelo link: <http://lattes.cnpq.br/2099906384464033>. Contato: luanavargasaquino@gmail.com.

² Atualmente é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM). Formada no curso Bacharelado em Letras - Português e Literaturas pela mesma instituição, atua como Profa. de Língua Portuguesa no Instituto de Educação Dr. Bulcão em Lavras do Sul. O Currículo Lattes pode ser acessado pelo link: <http://lattes.cnpq.br/7509101025653860>. Contato: moraiskeisy@gmail.com.

história, bem como as tomadas de posição desses veículos. Assim, buscamos compreender de que forma a metáfora passa a ser convocada e o modo que esta funciona nas narrativas em que Marielle se faz presente postumamente, no intuito de problematizar se a morte “vira semente” - expressão acabou se difundindo nas redes sociais.

Compreendemos a noção de metáfora conforme os estudos de Orlandi (2002), onde a autora define enquanto o próprio equívoco, sendo “o efeito da falha da língua inscrevendo-se na história” (ORLANDI, 2002, p. 24), ou ainda, a produção de um deslizamento de sentido construído a partir da possibilidade de dizer a partir do jogo na/da/sobre a língua. Destacamos que então, a metáfora e os processos que nela resultam e que dela advém, possibilitam a ressignificação de uma memória, a partir da retomada destas, essa cria um novo significado, ou seja, o importante é “o que se tem a dizer” trazendo novas possibilidades de interpretação.

Conforme pontua Jordão (2020, p, 59), “[...] há também esburacamentos da memória, pontos de esquecimento, de vazio, de falta, lacunas. Uma dialética entre falta e saturação.” Assim, a memória é móvel e inconstante, às vezes retoma o passado e às vezes o exclui, assim os discursos não estão prontos nem acabados, pois é através da memória que nosso saber ganha sentido. Dessa forma, nossos gestos de interpretação se inscrevem enquanto uma possibilidade, e não outra, de significar e analisar as materialidades selecionadas, levando em consideração a memória, aquela que se constitui na sangria do dizer, que entre aquilo que é (e que pode/deve ser) dito e aquilo que cala, silencia - uma memória viva e cheia de fissuras, enodamentos, (des)caminhos sinuosos que nos convocam sempre a explicitar aquilo que diante do corpus, faz sentido e é caro ao analista de discurso.

Logo, quando ouvimos enunciados como “Marielle ainda vive”, ou ainda “a morte virou semente”, nos reportamos ao assassinato de Marielle Franco como um acontecimento que se desenrolou em uma inundação de sentidos, heterogêneos e contraditórios, pois se de um determinado ponto de vista, Marielle virou um símbolo de luta e sua morte foi uma grande denúncia, do outro lado vemos que uma importante figura para a luta social brasileira foi assassinada a queima-roupa por denunciar a violência das milícias e da polícia militar.

Marielle Franco denuncia a violência policial através da sua conta no Twitter



Nesse sentido, buscamos através de recortes de notícias e colunas de opinião no Jornal Diário El País, explicitar os efeitos de sentido que ainda ressoam nas narrativas póstumas à morte da vereadora. Para isso, trouxemos três exemplos que encontramos no Jornal Diário El País durante nosso movimento de análise, que ainda está em andamento.

Iniciamos apresentando os exemplos:

Exemplo 1

“Quiseram assassinar a esperança de Brasil sem ódios”, publicada em 16/03/2018, que traz no corpo do texto a frase: “Nela quiseram sacrificar um símbolo de esperança de um país sem ódios. Por isso criou tanta comoção dentro e fora do país.”

Exemplo 2

A seguir, matéria publicada em 15/03/19, “Ruas carregam Marielle como símbolo e cobram avanços na investigação”, com os enunciados: “Atos em aniversário de mortes se tornam mais pressão em investigação. ‘Ver pessoas que abandonaram rotinas para estar aqui é ter noção de que a coisa é muito maior’, diz filha.” “Estamos aqui de coração partido, com muita dor. Mas sei que Marielle é isso aqui, está presente.”

Exemplo 3

Por fim, a matéria publicada em 25/01/2019, “Marielle assombra Flávio Bolsonaro mais morta do que viva”, que aponta que “Não se pode voltar a matar os mortos, mas sua memória, sua força de denúncia, seu legado ainda continuam vivos. Nos julgam e nos perseguem.

Ao movimentar o jogo de sentidos que se enredam nas discursividades do que é dito, explicita-se também aquilo que é produzido a partir dos silêncios, dos efeitos que em nós vão sendo evocados e transformados. Embora a história de Marielle agora seja contada por outros, ela ainda se faz presença, é na e pela deriva dos sentidos que se torna possível observar os lugares outros que ela ocupa e se desloca. Marielle Franco virou semente(s), no plural.

A partir desses recortes, percebemos que Marielle passa a ocupar postumamente um espaço simbólico, desencadeado por meio de toda sua trajetória política e de militância; sua morte e os sentidos que vão sendo engendrados a partir dela, habitam as lacunas deixadas pela vereadora em vida, sendo ponto de partida para diversos discursos dela advém. A partir disso, a possibilidade de existir na e pela metáfora se constrói na medida em que as narratividades que circulam no entremeio dos ditos e não-ditos, povoam o imaginário coletivo daqueles que convocam a presença de Marielle Franco, criando assim a possibilidade de (re)existir em meio às condições de produção que se projetam no real. Após sua morte, que diz do real da história, os discursos em funcionamento operam de modo a significar. O fato urge de sentido, para seja possível que o social dê conta de suportar aquilo que não produz laço. Dessa forma, a partir das discursividades que circulam nos portais jornalísticos, observamos como funcionam os vários efeitos de sentido que advém de diferentes tomadas de posição.

Inundada por significações alheias que a colocam de mártir a porta-voz, as rupturas e provocações que se desencadeiam a partir da vida e morte de Marielle Franco produzem um eco. Embora a pesquisa ainda esteja em fase de desenvolvimento, podemos observar a partir dos recortes, que os efeitos de sentido se deslocam a partir dos tensionamentos que estamos propondo pelo olhar da Análise de Discurso, nos indicando que Marielle não se esgota em si mesma. Mais viva do que nunca, ela é símbolo de luta e

resistência, é sinal, é assombro, é medo, é esquecimento. A mulher que se inscreve nas palavras assume diferentes posições, porque está costurada à metáfora, que brinca de agarrar o imaginário coletivo, e que a partir da potência de metaforização inarredável costurada a sua existência, (re)existe e está presente.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. In: BUENO, Winnie; BURIGO, Joanna; PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SOLANO, Esther (org.). **Tem saída?** Ensaios críticos sobre o Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 89-95.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, [1999] 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cad. Est.Ling.**, Campinas, v. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118776/1/ppec_8637139-6880-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 jan 2022.

MICHEL, Pêcheux. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

JORDÃO, Aline Bedin. **Discurso, Sujeito e Corpo**: A grafia da dor como ins(es)crituração de si. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.